

LIVROS DE LEITURA DA ESCOLA GRATUITA SÃO JOSÉ DE PETRÓPOLIS (RJ): UMA LEITURA DISSONANTE AOS PROJETOS EDUCACIONAIS REPUBLICANOS NO PERÍODO 1897-1925

Claudino Gilz¹

Cleonice Aparecida de Souza²

Resumo: Esta pesquisa em andamento tem como objeto de investigação os Livros de Leitura da Escola Gratuita São José de Petrópolis (RJ). Visa analisar os indícios de uma leitura dissonante dos Franciscanos ante os projetos educacionais republicanos no período 1897-1925 por meio das temáticas valorizadas na instrução primária pelos autores destes livros em meio às demandas socioculturais da época.

Introdução

A investigação sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José sinaliza ao pesquisador a necessidade de ater-se às mais diversas pistas ainda disponíveis. Pistas estas que remontam a um conjunto de fontes documentais, primárias e secundárias, tais como: os *Livros de Leitura* da mencionada Escola, objeto da pesquisa; Cartas Encíclicas Papais anteriores à fundação da Escola Gratuita São José e ao longo dos seus primeiros vinte cinco anos de funcionamento; o Regulamento e Distribuição das Matérias – compilação para Escolas Primárias Católicas do ano de 1925; exemplares das edições da Revista Vozes de Petrópolis de 1907 a 1925; fotografias e periódicos de circulação nacional da época; livros crônicas da casa dos Franciscanos; obras de autores Franciscanos que atuaram ou que desenvolveram pesquisas sobre as origens da Editora Vozes; impressos comemorativos de efemérides franciscanas; subsídios de diferentes autores que pesquisaram a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira e a temática dos livros didáticos (MUNAKATA, 2016), entre outros.

A percepção dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José como uma leitura dissonante aos projetos educacionais republicanos no período 1897-1925 emergiu do cotejo dessas fontes.

O contexto sociocultural em que os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José foram impressos e postos em circulação em âmbito nacional

Fundada em 1897 na cidade de Petrópolis (Rio de Janeiro), a Escola Gratuita São José foi o lugar no qual os Livros de Leitura vieram a ser impressos durante as duas primeiras décadas do século XX. Aconteciam, no período, na cidade do Rio de Janeiro transformações urbanísticas e socioculturais, algumas dela já iniciadas durante a segunda metade do século XIX. A finalidade de tais empreendimentos fundamentava-se principalmente, de acordo com Pesavento (1997, p. 60), numa expectativa de mudança de patamar: “[...] escravista, agrária, exportadora para o mercado mundial, a jovem nação brasileira aspirava também a participar do espetáculo da modernidade.”

Tal como em outros lugares do mundo, a modernidade significou, no período, a mudança ou o apagamento de processos ainda latentes em várias regiões do Brasil, tais como: o comércio

¹ Doutor em Educação pela Universidade São Francisco (Itatiba-SP). Pedagogo e Mestre em Educação pela PUC-PR. Professor no Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário (Curitiba-PR). E-mail: claudinogz@bol.com.br.

² Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da Universidade São Francisco (USF) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS). E-mail: cleo_souza@uol.com.br.

à base de trocas, a ausência de eletricidade, o tempo regido pelos ciclos da natureza ou das estações (plantação, colheita, cuidado dos animais, tear, engenho, silo), entre outros. Significou a remodelação daquilo que então era modos de ser medieval em modos de ser inaugurados pela força do comércio têxtil, da moda, do uso do ferro em construções, da instauração de centros comerciais de mercadorias de luxo e suas ambiguidades. Ambiguidades a modelar a vida social, presentes de modo especial nas imagens do desejo (do indivíduo ou do coletivo), um dos pressupostos da “[...] aspiração de se distinguir do antiquado – mas isto quer dizer: do passado recente.” (BENJAMIN, 1985, p. 32).

Ambiguidades de uma modernidade também latentes, por sua vez, no afluxo das invenções de máquinas, da emergência dos novos produtos e da ciência acrítica a serviço do progresso econômico em detrimento da geração das miseráveis condições de vida e de trabalho da classe operária, da poluição no interior das minas de carvão, riscos de enfermidade e morte dos trabalhadores, assim como das tensões ante a baixa remuneração e à ameaça de desemprego de várias famílias. Ambiguidades de uma modernidade à mercê de tensões, resistências, conflitos, lutas e apagamentos de pluralidades tanto de tempo como de práticas e de saberes, o que dá a entender que a modernidade não foi neutra desde os seus inícios.

A não neutralidade da modernidade à medida que passou a ditar modos e ritmos de vida, demandas de produção e desprestígio de certas atividades não ligadas ao modo de organização industrial. Tanto que ao urbano, o campesino começou a ser visto como caipira, sem cultura, atrasado. “[...] é suspeita a tentativa de fornecer modelos simples para um processo único, supostamente neutro, tecnologicamente determinado, conhecido como ‘industrialização’.” (THOMPSON, 1998, p. 288). Perscrutar o que se passou a denominar como modernidade no Brasil possibilita chegar-se de rastros, sinais, saberes, experiências, temporalidades, dinamismos gradativos com particularidades em cada localidade, região e vila do período. Possibilita deparar-se com o encurtamento de distâncias pela mediação tecnológica, com a noção de tempo como sinônimo de aceleração da vida.

Isso sugere que a modernidade veio a ser mais do que a circunscrição conceitual de uma época histórica ou de determinados processos de imbricamento político, econômico, científico, fabril (industrial), urbanístico, cultural, artístico e literário. Veio a ser um conjunto de processos repletos de paradoxos e contradições, a relativizar valores humanos e religiosos, tidos até então como fundamentos na formação dos cidadãos da nação brasileira. Veio a ser sinônimo tanto de tensões, riscos, conflitos, contestações, lutas, resistências, anulações e apagamentos, como de alienação ante as invenções, os sistemas fabris, a mecanização dos processos produtivos, a constituição de centros urbanos, os estímulos ao progresso e a obtenção de lucro a qualquer custo (HOBSBAWM, 2010). O contexto sociocultural brasileiro que remonta às últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX no qual os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José foram editados passou a ser modelado por esses fatores atrelados aos processos de modernização do país em andamento. E, por isso, a seu modo, se apresentaram como uma leitura dissonante aos projetos educacionais republicanos no período 1897-1925.

Os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José: uma leitura dissonante aos projetos educacionais republicanos no período 1897-1925

A dissonância dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José em relação aos projetos educacionais republicanos no período é perceptível por meio de vários fatores. Um desses fatores diz respeito ao que Sengen (2004, p. 104-105) assinala em termos de inventário de fontes documentais e bibliográficas da educação brasileira: uma espécie de predomínio de uma narrativa histórica que fez silêncio sobre contribuições que divergiram do padrão dominante:

A presença dos Franciscanos na educação brasileira é um tema quase intocado. Para vir a lume, há que se juntar pedaços, reconstruir fragmentos, identificar e valorizar indícios considerados secundários, reler documentos e fontes, sob nova perspectiva, estabelecer conexões entre acontecimentos nacionais e supranacionais.

Além dos fatores mencionados, a dissonância dos *Livros de Leitura* esteve também atrelada a uma tipografia adquirida pelos Franciscanos. Era o ano de 1901, apenas quatro anos após a fundação, a Escola Gratuita São José passou a dispor uma tipografia (hoje Editora Vozes) para impressão dos mais diversos materiais para as atividades escolares (ANDRADES, 2001). Tal aposta na aquisição e no uso de uma tipografia, viabilizou que os referidos *Livros de Leitura*, elaborados e impressos para os quatro anos do então ensino primário de acordo com as demandas internas dessa Escola, fossem também amplamente adotados em diferentes escolas do Brasil, disseminando ideais, padrões de comportamento e valores franciscanos junto às gerações escolares de diferentes segmentos sociais do período. Atesta Hallelwell (1985) que os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José tiveram reedições impressas até a década de 1970.

A leitura dissonante dos *Livros de Leitura* de tal escola em relação aos projetos educacionais republicanos também é identificada na especificidade da constituição de cada um deles. O *Primeiro Livro de Leitura*, por exemplo, veio a ser impresso no ano de 1904 e, por ocasião de sua 30ª reedição, tinha já a cifra de mais de 300.000 exemplares distribuídos no território nacional. Editado em quatro partes, as três primeiras trazem atividades visando iniciar os alunos na aprendizagem das letras do alfabeto (cada uma delas com ilustrações de objetos, animais ou situações), da formação de sílabas e das palavras. A quarta parte dispõe de 23 diferentes temas, ora desenvolvidos em forma de poemas e breves textos. Em relação às temáticas valorizadas pelos poemas e breves histórias do *Primeiro Livro de Leitura* destacam-se: conhecimento de Deus, família, virtudes a aprender com os pássaros, os animais e a natureza.

É desconhecido ainda o ano de impressão na tipografia da Escola Gratuita São José do *Segundo Livro de Leitura*. Um exemplar encontrado nos acervos da Editora Vozes referente à sua 5ª edição consta a firmação de 1917 em sua folha de rosto. O *Segundo Livro de Leitura* foi editado com 5 seções compostas de contos, textos em prosa e verso cujos títulos dessas mesmas partes são: Deus; a casa paterna; a escola; deveres que os meninos devem conhecer e cumprir; na bela natureza. O conhecimento de Deus, a formação de um aluno cristão, aplicado, trabalhador, obediente, grato, verdadeiro, cauteloso, modesto, piedoso, sóbrio, respeitador das coisas alheias, solidário, dado ao apreço da família e ao cuidado dos animais distinguem-se como as principais temáticas privilegiadas no *Segundo Livro de Leitura*.

O *Terceiro Livro de Leitura* foi editado em duas partes. Os títulos das três seções constituídas por composta por excertos literários, em prosa e verso, da primeira parte do *Terceiro Livro de Leitura* são: Deus – Igreja – Escola; Deveres que os meninos devem cumprir; A casa paterna – Os pais – os meninos. Objetivavam os Franciscanos com tais temáticas a formação de um aluno cristão, aplicado, econômico, obediente, grato, verdadeiro, cauteloso, satisfeito, piedoso, sóbrio, respeitador das coisas alheias, solidário, dado ao apreço da família e ao cuidado dos animais. A primeira parte do *Terceiro Livro de Leitura* tem, por assim dizer, a finalidade de contribuir para o desenvolvimento por parte do aluno da leitura expressiva e da clara compreensão do significado tanto de conceitos como de expressões. A finalidade da segunda parte converge para o intuito de auxiliar o aluno de modo eficaz na aprendizagem de conhecimentos elementares da História Natural, da Física, da Geografia e da História da pátria.

O *Quarto Livro de Leitura* constitui-se predominantemente de uma compilação antologia de excertos, em prosa e verso, visando servir de auxílio ao estudo e à aprendizagem dos conhecimentos sobre literatura e estética. Editado em duas partes, *Quarto Livro de Leitura* traz,

na primeira delas, a seção Beletrística com 88 excertos. A segunda parte traz 138 excertos sobre História Natural, 24 excertos sobre Física, 7 excertos sobre Química, 20 excertos sobre Descrições Geográficas e 34 excertos sobre História.

A autoria do *Primeiro*, do *Segundo* e do *Quarto Livro de Leitura* é atribuída aos professores da Escola Gratuita São José, sob a direção de Frei Bruno Heuser. Já a autoria do *Terceiro Livro de Leitura* é atribuída apenas aos professores. Segundo Pimentel (1951), outros 26 Livros Escolares de Gramática, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Silabários, História Sagrada e Catecismos também foram editados e impressos na tipografia dessa Escola.

A análise de tais elementos dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, aqui objeto de estudo, possibilita chegar-se de pistas de eventos não diretamente experimentáveis num primeiro contato impetrado pelo pesquisador. Pistas com elementos plausíveis de uma leitura dissonante aos projetos educacionais dos republicanos no período de 1897-1925 que apontam para a memória de possíveis silenciamentos de questões relacionadas, por exemplo: ao processo da laicização da educação brasileira; à imprensa; à História e Historiografia da Educação; aos recursos e acervos didáticos disponíveis na época e utilizados no do ensino primário, ainda inexplorados; à demanda de formação de cidadãos saudáveis, civilizados e escolarizados, entre outros.

Considerações parciais

A pesquisa em andamento sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José desvela um conjunto de elementos de um posicionamento dissonante dos Franciscanos em relação aos projetos republicanos brasileiros de laicização da educação, final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O primeiro desses posicionamentos remete para a implantação de um projeto educacional dos Franciscanos – por meio dos quatro *Livros de Leitura* – voltado a oportunizar aos alunos matriculados nessa Escola um ensino dos diferentes temas de estudo atravessados por uma formação religiosa católica, balizada pela ideia bíblica de família e pelo cultivo de virtudes humano-cristãs: aplicado, trabalhador, obediente, econômico, grato, verdadeiro, cauteloso, modesto, piedoso, sóbrio, respeitador das coisas alheias, solidário, dado ao apreço da família e ao cuidado dos animais.

O segundo desses posicionamentos volta-se para o contraste entre as temáticas valorizadas pelos autores dos *Livros de Leitura* de Escola Gratuita São José e as visões de mundo disseminadas tanto pela Modernidade, seus indícios e engodos como pelos projetos educacionais republicanos no Brasil.

Referências

- ANDRADES, M. F. de (Org.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BENJAMIN, W. A Paris do segundo Império em Baudelaire – a boemia, o flâneur, a modernidade. In: KOTHE, F. (Org.). *Textos de Walter Benjamin*. Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 44-122.
- HOBSBAWM, E. *A era das revoluções, 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MUNAKATA, K. Livro didático como indício da cultura escolar. *Hist. Educ.*, Santa Maria, v. 20, n. 50, p. 119-138, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592016000300119&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2018.

PESAVENTO, S. J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. Tradução de Rosaura Eichenberg. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

PIMENTEL, M. *Cinquentenário da Editora Vozes Ltda: 5 de março de 1901-1951*. Petrópolis: Vozes, 1951.

SANGENIS, L. F. C. Franciscanos na educação brasileira. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004.